

## RECENSÕES DISCOGRÁFICAS

*João de Sousa Carvalho: Orchestral works*, Sinfonia B, dir. César Viana, CD EMI Classics 7243-5-56422-2-6, 1997 (grav. 1995)

Este disco é a prova de que se pode fazer «música antiga», isto é, repertório devidamente contextualizado nos seus aspectos estéticos e histórico-estilísticos, sem o recurso a instrumentos originais ou a técnicas de execução históricas «de tratado na mão». Não se trata de um registo perfeito, quase maquinal como os que inundam o mercado com a enésima interpretação de umas quaisquer obras «de repertório». É, ao contrário, o resultado franco da abordagem corajosa de uma série de obras em primeira mão (pelo menos três executadas por reproduções dos materiais setecentistas originais), mesclado de pequenas imperfeições, próprias de uma preparação honesta mas sempre na corda bamba, simplesmente porque a Sinfonia B não tem meios para trabalhar regularmente. Mau grado uma meia dúzia de momentos de afinação duvidosa (especialmente nos violinos), uma ou outra *tirata* mais embrulhada, alguma preponderância das trompetas sobre a textura orquestral e uns poucos ataques de sincronismo vacilante (e note-se que me refiro a umas escassas dúzias de segundos dispersos numa gravação de mais de cinquenta minutos), o entusiasmo e a convicção que César Viana tão bem sabe transmitir à sua Orquestra, a leitura esclarecida e atenta aos pormenores das partituras, o balanço dos tempos, o direccionamento das unidades estruturais, a articulação meticulosa e as amplitudes agógicas e dinâmicas justas proporcionam

um resultado musical excelente. Na verdade, a prestação da Sinfonia B, um projecto inovador e tenaz, mas precário à míngua de apoio institucional ou mecenático, cobre de vergonha as orquestras nacionais e a generalidade de quem as tem dirigido, pondo a nu o espírito de «funcionalismo» rotineiro que nelas grassa, imposto pelos modelos economicistas da moderna gestão pública ultra-liberal, pela mediocridade das direcções artísticas e pela indiferença das tutelas, salvo excepções fugazes. Comparem-se, a título de exemplo, as faixas 4-6 e 19 deste disco, onde se registam a abertura de *L'Amore industrioso* (1769) e a *Ouverture a due chori* do *Te Deum* de 1792, e as faixas 1 e 2 do CD Koch-Schwann 3-1511-2 H1 de 1994 (grav. 1993), com as mesmas obras pela Orquestra Clássica do Porto sob a direcção de Meir Minsky. Pensando sobretudo no orçamento anual da Orquestra Clássica (agora Nacional) do Porto, ainda assim magríssimo, e nos contratos que desconfio quase futebolísticos dos directores convidados, choca-me a prestação apenas sofrível da Orquestra e a chateza da abordagem banal de Minsky (cujá marca é uma dinâmica em balão periódico), perpetuando a tradição, bem conhecida da generalidade dos instrumentistas, do «amor-industrial-que-se-toca-assim-há-não-sei-quantos-anos». Com César Viana, um músico de primeira água mas que não estudou no estrangeiro e que precisamente por estas duas razões o sistema exclui, a Sinfonia B dá sempre o seu melhor e a música de Sousa Carvalho recria-se e renasce a cada compasso, ora com a sensibilidade galante, ora com o vigor clássico que os seus textos encerram e

que se revelam apenas a quem os sabe ler. Um apontamento exemplar apenas: o acerto estilístico e o carácter com que é interpretado o *Larghetto* introdutório da *Ouverture a due chori* de 1792, cujo tópicó é, evidentemente, a abertura francesa barroca, onde todos têm falhado, desde a primeira gravação do *Te Deum* por Pierre Salzman com a Orquestra e o Coro Gulbenkian para a Archiv (1970, 2LP 2708022), aliás belíssima, e que Corboz não soube igualar no registo para a Cascavelle (1991, CD VEL 1016), ainda por cima com a obra amputada de três andamentos, até ao famigerado registo da Orquestra do Porto (que também tem as suas virtudes, por exemplo, a afinação geralmente impecável). No texto do livrete que acompanha o CD, David Cranmer chama muito justamente a atenção para a dimensão pedagógica do disco: «The seven overtures (...) recorded here provide us with a microcosmic picture of the figure [J. S. Carvalho] who perhaps most fully epitomises the musical life of [mid and late] 18th-century Portugal». O programa segue aproximadamente a cronologia compositiva, registando sucessivamente a *Sinfonia* do *Te Deum* de 1769, as aberturas das óperas *L'Amore industrioso* (1769) e *L'Eumene* (1773), as aberturas das serenatas *Perseo* (1779) e *Penelope nella partenza da Sparta* (1782), a *Introduzione a due orchestre* do *Te Deum* de 1789 e a *Ouverture a due chori* do *Te Deum* de 1792, obras que de facto assinalam mudanças sensíveis, de ordem estilística, na passagem da década de 1760 para a de 1770, quando os discursos galante e pós-barroco cedem o passo às formulações classicizantes, ao longo desta última década ao nível sobretudo da instrumentação, quando se emancipam madeiras e trompas, tratadas cada vez mais consistentemente como partes concertantes (*L'Eumene*, 1773), e na década seguinte afectando a forma, quando o compositor opta por um andamento binário

no *finale* (*Perseo*, 1779) em lugar das formas de dança ternárias típicas da *sinfonia* italiana, experimenta a *reprise* do *Allegro con molto spirito* depois do *Andantino con moto* intermédio (*Penelope*, 1782) e finalmente adopta o andamento único em forma-sonata com introdução lenta (*Te Deum*, 1792), que era norma por exemplo em Paisiello e em Cimarosa já desde os anos de 1780. Afinal um percurso de transparente contemporaneidade, porque paralelo ao de tantos compositores europeus da esfera de influência do «estilo italiano», que no século XVIII tocou lugares tão distantes como S. Petersburgo e Lisboa, Viena e Londres.

A EMI-Valentim de Carvalho produziu este CD para a etiqueta EMI Classics pretendendo assinalar os 250 anos do nascimento de João de Sousa Carvalho (Estremoz, 22 de Fevereiro de 1745 - Lisboa?, c.1800). Embora a gravação e a edição digital, tecnicamente correctas, datem de Agosto de 1995, o disco saiu a público apenas em 1997, e mesmo assim com o livrete e o plano posterior da caixa cheios de erros e de gralhas, reflectindo exemplarmente a excepcionalidade e o amadorismo da edição discográfica de música erudita em Portugal, uma actividade que o programa governamental de apoio à produção, pretendendo estimulá-la, acabou por tornar subsídio-dependente terminal, induzindo a inércia e inibindo qualquer resto de investimento da indústria nesta área. No que à EMI-Valentim de Carvalho respeita, não fosse a assistência financeira e logística do Ministério da Cultura e da Câmara Municipal de Estremoz e, sobretudo, a obstinação do produtor, João Frederico Ludovice, este CD não seria nunca sequer gravado. Um enigma final: o que são os 5 Séculos de Música Portuguesa, que José Atalaya artisticamente coordena?

JOÃO PEDRO D'ALVARENGA